

HISTÓRIA ORAL que história é essa?

Kênia Sousa Rios*

A história oral mudou a forma de escrever a história da mesma maneira que a novela moderna transformou a forma de escrever a ficção literária: a mais importante mudança é que o narrador é agora empurrado para dentro da narrativa e se torna parte da história (PORTELLI, 1997, p. 38).

Vou iniciar este texto contando um pouco da pesquisa que ora desenvolvo e que tem me arremessado ao delicado e instigante trabalho com a história oral. Nesse sentido, venho tentando compreender como homens e mulheres que vivenciaram as agruras das secas no Ceará interpretam essas experiências e constroem suas memórias. Que elementos entram no jogo

* Mestra e doutoranda em História Social pela PUC/SP.

narrativo quando o tema solicitado é doloroso e de difícil lembrança? Que eixos temáticos são tecidos quando o assunto é seca? Ou melhor, que dimensões da vida cultural/histórica desses depoentes é possível capturar com a história oral?

Durante muito tempo, pesquisadores, sobretudo historiadores, procuravam as fontes orais para preencher lacunas deixadas pela ausência de outros documentos, principalmente os escritos. Os depoimentos orais eram solicitados para então responder questões que outras fontes não tinham conseguido. Assim, a história oral ganhava legitimidade como documento complementar. Vale salientar que, não muito raro, encontramos historiadores que ainda hoje fazem entrevistas com esta finalidade.

Além disso, outro papel dado à História Oral, refere-se à possibilidade de encontrar, através dos depoimentos de marginalizados, excluídos e vencidos, a verdadeira história. Uma história que rompe com o discurso oficial, e portanto, capaz de desvendar a outra história oculta e mascarada pelo poder. O historiador assume, assim, a missão de dar voz aos sem-voz. Ancorada em uma dada leitura marxista, chegou-se à conclusão de que as camadas populares eram guardiãs da verdade histórica. Era, portanto, necessário ouvi-la e divulgá-la.

Quando optei pelo estudo da construção de memórias orais sobre a seca, sabia que eu deveria

me preparar para ouvir histórias de dor e sofrimento. Depois de transcrever minha primeira entrevista, concluí que nada havia de novo no que me dissera D. Antonieta Antônia. Sua narrativa mais parecia uma música de Luiz Gonzaga ou um livreto de Cordel. Essa foi minha primeira angústia com a pesquisa. Como lidar com imagens consolidadas em torno de determinados temas? Contudo, essas imagens se instalam na oralidade e por isso não podem ser descartadas, ao contrário, é importante problematizar a própria permanência dessas construções clássicas e que significados culturais tem a insistente incorporação delas na narrativa oral. Entretanto, era necessário ir além dessas estruturas que se repetiam como uma ladainha do rosário. Compreendi que numa única entrevista seria impossível suplantar a “barreira” dessas narrativas constituídas, em certo sentido, para ajudar o depoente a se defender do pesquisador no primeiro contato.

No início há, em geral, uma certa desconfiança do entrevistado em relação ao entrevistador, para defender-se, solicita da memória imagens que não permitem um mergulho maior nas tramas subjetivas da sua própria experiência, nas formas que trazem à tona o diverso em face da interpretação peculiar de cada um.

Certas especificidades do trabalho com história oral foram paulatinamente se colocando na pesquisa. Não se trata de buscar na oralidade elementos ausentes no documento escrito e tampouco construir a verdadeira história através da “voz do povo”. É uma fonte peculiar e, como todas as outras, exige um olhar direcionado e cuidadoso diante dos desafios que esse tipo de documento coloca para nós, historiadores. Um dado ainda mais inquietante é que na história oral lidamos com pessoas em diálogo específico com o pesquisador, construindo a narrativa nessa interação direta, ou seja, o que é dito também tem a ver com a relação que se estabelece entre entrevistador e entrevistado. Um dos elementos que compõem a narrativa é gestado no momento mesmo da entrevista, pois parte de uma relação entre condições de recepção e emissão neste momento de diálogo. É o que Paul Zumthor identifica como performance, ou seja,

(...) a ação complexa pela qual uma mensagem poética (oral) é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida. Locutor, destinatário e circunstâncias (quer o texto por outra via, com a ajuda de meios linguísticos, as represente ou não) se encontram concretamente confrontados, indiscutíveis.

Na primeira entrevista que fiz com D. Cezita, pedi-lhe que me contasse as suas lembranças da seca de 1958. Tentando explicar os motivos que me faziam solicitá-la tal

depoimento, falei-lhe sobre minha tese de doutorado. A partir daquele momento passou a me tratar apenas por doutora. Sua narrativa da seca, nesse primeiro momento, se compôs em torno de uma outra temática: a falta de estudo. D. Cezita falava então para “uma doutora” e tudo indica que esse fato lhe ajudou a selecionar as dores da sua condição iletrada para construir as memórias da seca.

Certamente, a condição de analfabeta incomoda profundamente D. Cezita e isso tem a ver com toda a sua trajetória de vida. Assim, a seleção deste tema é fruto de uma série de desdobramentos de sua experiência social e histórica. Contudo, a maneira como a narrativa foi conduzida liga-se também a esta circunstância performática na qual importam narrador e receptor. Ou ainda, nós que pesquisamos construímos uma certa interpretação sobre nossos depoentes, mas também eles constróem sua interpretação sobre nós. Essa dinâmica compõe uma importante dimensão da narrativa.

Um outro desdobramento dessa relação é que o depoente nem sempre diz aquilo que desejamos; faz o seu próprio percurso, contrariando, em certa medida, o que foi proposto pelo pesquisador. Deparamos-nos, portanto, com a flexibilidade entre pergunta e resposta. Não há uma relação imediata na qual o entrevistado responde exatamente o que foi

perguntado, pois o repertório de relações que o depoente constrói, a partir do que lhe foi sugerido pensar, é subjetivo. Cabe a nós perscrutar, nas formas de composição desse percurso, as raízes culturais e históricas nas quais se insere o depoente.

A linguagem, nesse sentido, deve ser entendida como constituinte do sujeito e como tal é ela mesma uma prática social, ou melhor, é a dimensão do sujeito que nos permite conhecê-lo, pois o mundo das palavras, ainda que limitado, é uma das vias de acesso mais tangíveis à compreensão do ser. Nesse sentido, vale estender o diálogo com as reflexões de Raymond Williams sobre a língua:

A língua é, portanto, caracteristicamente humana; na verdade, ela é constitutivamente humana. Esse ponto foi aproveitado por Herder, que se opunha a qualquer noção de que uma linguagem havia sido 'dada' ao homem (por Deus) e, com efeito, à noção aparentemente alternativa de ter sido a linguagem acrescentada ao homem com uma forma especial de aquisição ou instrumento. A linguagem é então, positivamente, uma abertura característica do homem e uma abertura para o mundo: não uma faculdade distinguível ou instrumental, mas constitutiva (WILLIAMS, 1979).

Vale salientar que o mundo das palavras é entendido aqui, não como um conjunto sistemático e fixo organizado pelo léxico, mas como um movimento absolutamente dinâmico no qual as palavras ganham sentido a partir da

completa expressão do sujeito mediante sua historicidade, ou seja, um mesmo termo pode ganhar vários sentidos dependendo da situação de enunciação na qual ele é expresso. Considero fundamental destacar as reflexões de Bakhtin sobre o caráter social da linguagem. Segundo ele a comunicação entre os indivíduos só é possível quando enunciados são construídos a partir da experiência social. Ou melhor, a condição de produção de uma enunciação pressupõe o caráter social da linguagem. Nesse sentido, a frase só tem valor semântico se compreendida numa situação de enunciação, ou melhor, quando encontra ressonância na cultura.

Sendo assim, nós, historiadores da oralidade, não devemos encarar os depoimentos como uma rede de informações pronta para ser analisada e definida pelos pressupostos da filosofia. Entender a situação de enunciação em que o depoimento se constrói é condição imprescindível para estabelecermos diálogo com nossos depoentes. Quando o entrevistado fala sobre o tema solicitado, ele não está simplesmente informando sobre acontecimentos que nos interessam. Ele constrói o fato mediante a sua experiência. Portanto, apresenta-nos sua própria interpretação. É no entendimento dessa dada interpretação que nos encontramos com o sujeito. Deparamos-nos, assim, com a maior contribuição da história oral, ou seja, o horizonte de

possibilidades. O vislumbamento do múltiplo, do diverso em face de nossas tentativas de compreensão do homem nas suas mais variadas relações com o mundo.

Vale a pena recorrer a Alessandro Portelli, que além de ser uma de minhas principais matrizes no trabalho com história oral, infere cuidadosamente sobre o dilema da "Filosofia e os Fatos":

(...) o principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua própria autobiografia, quer concorde em responder a uma entrevista aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros. Pois não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste precisamentne em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar (PORTELLI, 1996, p. 60).

Contudo, essa interpretação de que nos fala Portelli, não é capturada apenas pelas palavras, mas pelos gestos, o movimento do corpo, os olhares. Esses movimentos denunciam interesses, angústias, desejos, sonhos, delírios. Além disso, se a entrevista for realizada na própria residência do depoente é importante perceber esse espaço como uma extensão do corpo: a forma como decora a casa, o lugar de determinados objetos, fotografias na parede ou às vezes trazidas ao longo da entrevista, os livros que lê. Tudo isso

tem me ajudado a entender e interpretar melhor as falas, já que são parte da constituição desses espaços.

Até aqui, já deu para perceber que essa proposta de trabalho com a história oral só é viável pela seleção de poucos depoentes. No meu estudo, entrevistei umas trinta pessoas e em seguida fiz uma seleção de oito depoentes escolhidos pela riqueza da narrativa e principalmente por gostar de falar. Para transitar por estes tantos detalhes que venho propondo ao longo do texto, pretendo entrevistar cada um dos depoentes pelo menos quatro vezes. Um suporte fundamental tem sido a caderneta de campo onde anoto tudo que percebo para além do dito ou conversas informais antes e depois do gravador ligado.

* * *

Na segunda entrevista que fiz com D. Maria Jorge, antes de ligar o gravador ela foi logo apresentando sua indignação com o suposto despejo dos moradores da ocupação onde mora. Naquele dia, tinham passado medidores de rua anunciando o tal despejo. Nossa conversa foi toda conduzida pela temática da moradia. Em uma certa altura da entrevista D. Maria Jorge começou a esbravejar palavras de indignação. Levantou-se, erguia seus braços, apontava o

dedo para várias direções da casa e bradava: "Eu sou uma louca, eu sou uma doida, quem tá aqui veio porque tem muita corage. Tem que ter muita corage pra morar aqui".

Com isso, D. Maria colocava-se pronta para qualquer situação de ameaça. Tinha coragem. Afinal, "era uma louca". D. Maria dá ao termo "louca" o sentido de destemida, capaz de enfrentar das mais diferentes formas o inimigo. Sua entonação forte e indignada reforçava esse sentido. Em alguns momentos cheguei a pensar que estava incomodando D. Maria, mas afinal percebi que naquele momento da entrevista, sua fala não se destinava a mim, o interlocutor era outro. Estava além das paredes de sua casa, assim, era preciso transpô-las com a voz.

Nem sempre o que é dito destina-se àquele que ouve. É certo que sempre se fala para alguém. Toda e qualquer enunciação possui um destinatário, no entanto, muitas vezes não é o pesquisador. Nessa perspectiva é fundamental perceber os interlocutores que surgem ao longo da entrevista. No processo interpretativo dessas vozes, é importante saber a quem se destina a mensagem para então compreender os interesses, angústias e desejos expressos.

Oswald Ducrot, um estudioso da linguagem, propõe uma diferenciação entre destinatário e ouvinte, ou seja, nesse momento de fala da D. Maria, eu era sobretudo ouvinte,

sua mensagem destinava-se principalmente aos donos de imobiliária e ao governo. Nessa direção, o que é dito ganha um novo elemento de interpretação que passa também por um certo conhecimento da trajetória de vida do depoente, o que nos ajuda a encontrar seus possíveis destinatários.

Os interlocutores que surgem ao longo da conversa são encontrados nos embates contemporâneos ou em lembranças remotas de acontecimentos passados. Essas trajetórias constituem os sujeitos. O que se diz não está gravado numa memória absolutamente calcada no passado, tampouco só no presente. São marcas cunhadas em todo o percurso. A memória é uma recomposição das lembranças a partir desse entrelaçamento entre passado, presente e futuro. O que se lembra é o que se vive ou o que se desejaria viver, por isso selecionamos o que contar. No entanto, não é possível detectar o que se refere exclusivamente ao passado, presente ou futuro. Nossa interpretação deve partir do entendimento de que a memória se compõe de uma urdidura de tempos, porque assim o sujeito se constitui: de resíduos, novidades e utopias.

É importante lembrar que todo trabalho com história oral é um trabalho com a memória, pois, como ressaltamos anteriormente, o indivíduo é aquilo que sua memória comporta guardar, seja como lembrança do que viveu ou como desejo

sobre o que ainda não viveu. Além disso, quando pedimos que o depoente recorde fatos pretéritos, em geral, o passado apresenta-se como um tempo melhor do que o presente. Entre as pessoas mais idosas é comum a construção da narrativa a partir do mito do tempo perdido ou da Idade do Ouro, no qual o passado "era um tempo muito bom". Se não há muitos motivos para vangloriar o presente, constrói-se um tempo onde a glória existiu. Esses motivos estarão nas longínquas paragens da memória. Em tempos e espaços onde as angústias do presente não encontram eco. A memória oral tenta organizar a vida e cria imagens em formas e cores desejadas.

Isso me faz lembrar um certo dilema que atormenta alguns historiadores: como saber se o que está sendo contado aconteceu realmente? Tenho ouvido esta pergunta em alguns encontros e seminários de História Oral e antes de mais nada, vale ressaltar que é fundamental pôr as fontes orais em diálogo com outros documentos. O confronto com outras fontes contribui sobremaneira para a interpretação do depoimento oral. Esse exercício aponta novos desdobramentos para a narrativa que parte muitas vezes não do que aconteceu, mas do desejo de ter acontecido de tal forma.

Jamais se pode dizer de um depoimento que ele não é real, pois o que mais importa não é saber se ele aconteceu ou não, mas perceber

porque está sendo narrado de tal e qual maneira. Que possibilidades de interpretação posso construir através desses direcionamentos narrativos que vão muito além de um conjunto de palavras expressas num gravador. Se eu constato que são sonhos o que foi relatado como o ocorrido, então são reais enquanto sonhos. Afinal, os sonhos são reais na sua potência de ser sonho. O mais importante é perscrutar o que esses sonhos dizem do indivíduo e seu grupo na sua dimensão cultural, que é também histórica. Ou como infere Portelli (1996, p. 64).

Não temos, pois, a certeza do fato, mas apenas a certeza do texto: o que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está contado de modo verdadeiro. Não dispomos de fatos, mas dispomos de textos; e estes, a seu modo, são também fatos...

O que nos é dado como depoimento parte de uma experiência concreta e, portanto, possui determinado posicionamento em face do assunto em pauta. É necessário procurar entender o maior número de ligações possíveis com tais posicionamentos. É certo que para conseguir isso, o pesquisador precisa estar em considerável sintonia com o que escolheu para estudo. Não só em relação aos depoentes mas ao que ele consegue captar da sua própria experiência com a temática. Perceber nossos preconceitos e expectativas ajuda a entender o caminho que

optamos fazer com nossas interpretações, ou melhor, esses preconceitos e conceitos são os elementos que modelam o nosso olhar sobre o objeto.

A produção do conhecimento histórico é esse diálogo produzido entre fonte e pesquisador. Rompemos com uma pretenciosa onisciência sobre o fato. Nosso conhecimento parte sempre de um lugar e o que captamos parte das possibilidades de visão desse lugar. Desse modo, é sempre parcial e provisório.

Aparentemente humilde, essa difícil constatação epistemológica desvenda um inesgotável repertório de possibilidades sobre o fato histórico. Entendo que esse seja o nosso maior desafio, o de perseguir e divulgar a diversidade da experiência social dos indivíduos, sua capacidade criativa e inventiva diante dos dilemas da vida.

Referências bibliográficas

- DUCROT (ano), Oswald. Enunciação. In: *Enciclopédia Einaud*. V. 2 – Linguagem e Enunciação. Lisboa.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história Oral diferente?" In: *Projeto história / Programa de Estudos Pós-Graduandos em História e do Dpto de História da PUC/SP*. São Paulo, n.14, 1997. p.38.
- PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. In: *Revista Tempo / Universidade Federal Fluminense*,

Departamento de História, n.2, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996. p.60.

Cf. THOMSOM, Alistair; FRISCH, Michel e HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína(organizadoras). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. P.65-91.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1979.

ZUMTHOR, P. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec/Educ, 1997.